

razão do início súbito do *Homo sapiens* na face da terra, há muito mais tempo do que os cientistas imaginavam anteriormente (a prova disso foi o crânio de um homínídeo, com 7 milhões de anos, encontrado recentemente no norte da África, batizado de *Sahelanthropus tchadensis* e apelidado Toumai). Segundo Dr. Marcos, que não fez uso de aceleradores de partículas, a Biologia está repleta de fatos maravilhosos, sendo o homem o singularíssimo resultado de um plano cuidadosamente elaborado e seu futuro está cheio de belas e novas possibilidades, pois continuará a evoluir, regido pela força dos *Bíons*.

Se nos perguntarem em qual das duas partículas acreditar, aquele *Bóson* de Higgs, que irá resultar em um mundo totalmente novo para a física ou o *Bíon* de Dr. Marcos, que certamente irá revolucionar a biologia, estaremos inclinados a aceitar a segunda alternativa, pois não iremos tratar das questões do Universo através de parâmetros do vácuo frio e invisível que o permeia, e, sim, de um alento, de uma tentativa de esclarecimento de quem somos e para onde vamos. O *Bíon* de Dr. Marcos nos parece revelar um verdadeiro sopro de vida.

João Suassuna  
Fundação Joaquim Nabuco

FONSECA, Homero. *A vida é fêmea*. Recife: Comunigraf Editora, 2000, 111p.

Se escrever ficção digna de respeito não é coisa para qualquer um, escrever literatura erótica demanda virtudes literárias artísticas especiais a quem nela se aventura. O mesmo acontece com a literatura humorística. Quantos escritores não naufragaram nas águas aliantes do erotismo e do humanismo? Humorismo é coisa muito séria para ser entregue a qualquer engraçadinho. E de tal modo que escritores há que, ao tentar fazê-lo, terminaram por descambar para a mais deplorável das tragédias de que pode ser vítima um ficcionista literário.

Já o erotismo em literatura e na arte em geral tem o seu maior problema na freqüente dificuldade – às vezes impossibilidade – de demarcar com alguma precisão as fronteiras entre o erótico e o pornográfico, como ocorre com os célebres libertinos do século XVIII. Até mesmo porque os dois podem coexistir sem dissonância alguma em uma mesma obra. Não será o clássico *Fanny Hill*, de John Clelland?

Quer queiramos, ou não, nós pobres seres humanos do sexo masculino, estamos à sombra das rainhas desta “máquina do mundo”. O que já significa um inestimável atenção do Criador para quem não pode ter o privilégio de parir, embora o próprio Freud proclamasse que, por razões anatômicas, as fêmeas invejam os machos. Mas, afinal, nem tudo pode ser aplicado pelo genial criador da grande seita já algo capenga. São coisas do século XIX. Mas o escritor pernambucano Homero Fonseca aprendeu como ninguém essa lição, senão de humildade masculina, ao menos de civilizada convivência: a vida, mais do que efêmera, é fêmea. E por isto merecedora de atenções especiais, de carinho, mas também de alguma argúcia.

São idéias que vêm à cabeça a propósito desse pequeno grande livro que Homero Fonseca escreveu, *A vida é fêmea*. Compreendendo quinze contos do mais enfemisticamente elegante dos erotismos, o livro marca a estréia do seu autor como ficcionista.

Julgo que um dos mais graves desafios da literatura erótica, se me permitem, a metáfora musical, é o problema do andamento. O humorismo pede andamentos rápidos dos *allegros* aos *prestissimos*. Daí porque, quando exibidas hoje, as comédias do cinema mudo se tornam provavelmente mais engraçadas do que na época em que foram realizadas. Já com o erótico, o problema é precisamente o oposto. O erotismo, na literatura como na vida, exige andamentos lentos, langorosos, de preferência um *adagio*, podendo eventualmente admitir um *largo*. Mas Homero Fonseca encontrou a marcha precisa para a sua narrativa. E nela penetrou com a firmeza e a segurança que só os mais experientes escritores possuem.

Não tenho dúvida de que a prática do jornalismo, aliada à atenta freqüentação de melhor literatura confessional, foi a grande escola desse escritor que estréia maduro na sua arte. Nesse livro, o autor inventou uma maneira absolutamente original de iniciar cada conto e, assim, situar-se como narrador, situar os personagens e prender o leitor. Qual o melhor conto dessa coletânea? A escolha é impossível. Mas vale ao menos saborear alguns títulos: *As flores do bem-querer* (remember Baudelaire), *As várias asas do desejo*, *No escurinho do cinema*. Homero Fonseca, enfim, já chegou para ficar, é o que há de atestar o seu leitor.

Sebastião Vila Nova  
 Fundação Joaquim Nabuco.  
 Universidade Católica de Pernambuco